

COMPETÊNCIA RELACIONAL E ESTRANHAMENTO: UMA ANÁLISE À LUZ DA ONTOLOGIA MARXISTA

Karla Raphaella Costa Pereira (Graduanda em Pedagogia - UECE)
Perla Almeida Rodrigues Freire (Graduanda em Pedagogia - UECE)
Telmano Rodrigues Sampaio (Graduando em Pedagogia - UECE)
Daniel Rodrigues Maia (Graduando em Física - UECE)
Janaína Alves de Andrade (Graduada em Pedagogia - UECE)
Prof. Dr. José Rômulo Soares (Orientador – UECE)

RESUMO: O presente artigo faz uma reflexão sobre o discurso da competência relacional como característica essencial para relacionar-se no trabalho. Partiu-se da compreensão marxista de estranhamento, como complexo fundado no trabalho estranhado, responsável pela perda da compreensão da essência humana. Advoga-se o caráter desumanizador da sociabilidade hodierna, expressa pela necessidade de recuperação do que é genuinamente humano. O aporte metodológico apoia-se na ontologia marxiana, explicitada por Lukács (1978) e em Mészáros (2012), assim como, em autores que defendem a competência relacional. É de fundamental importância questionar o discurso-suporte das novas exigências do mundo do trabalho como resultado dos interesses da sociedade capitalista.

Palavras-chave: Competência Relacional. Estranhamento. Trabalho.

ABSTRACT: This article is a reflection on the discourse of relational competence as an essential characteristic to relate at work. We started from the Marxist understanding of strangeness, as established in the complex labor estranged, responsible for the loss of understanding of the human essence. It is proposed the dehumanizing character of sociability today, expressed the need for recovery that is genuinely human. The methodological approach is based on the Marxian ontology, explained by Lukács (1978) and Mészáros (2012), as well as authors who advocate the relational competence. It is vital to question the discourse-support the new demands of the working world as a result of the interests of capitalist society.

Keywords: Relational Competence. Strangeness. Labor.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a estudar uma das novas exigências do mundo do trabalho: a competência relacional, que prevê um indivíduo que não mais se constrói enquanto gênero humano e, portanto precisa reaprender a conviver.

A importância desse estudo se revela pela necessidade de compreensão do porquê perdeu-se a noção de gênero humano e o que realmente é necessário para restaurá-la.

A pesquisa é de caráter bibliográfico e tem como suporte metodológico a ontologia marxista retomada por Lukács, na qual o filósofo explicita *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem* (1978); os Manuscritos Econômico-Filosóficos, de Marx (2010), e seus principais intérpretes.

O trabalho, entendido como princípio ontológico do ser social, deveria conduzir o homem ao processo de emancipação, contudo, dominado pelos interesses da sociedade burguesa, tem expropriado o homem dos meios, dos processos e do objeto de seu trabalho. A educação, nascida no próprio processo de trabalho, foi fundamental para a constituição do homem pelo homem, transmitindo historicamente a humanidade, já que esta não é inata, determinada biologicamente, mas construída pelo próprio homem.

Para Marx (1980), diferentemente do comunismo primitivo, o trabalho não mais colabora para a humanização do homem, mas para sua reificação ou coisificação. O homem, no capital, é visto como uma mercadoria que precisa vender sua força de trabalho para sobreviver e competir para manter seu emprego.

1 O PROCESSO DE REIFICAÇÃO DO TRABALHADOR

Uma vez que, constituindo-se a sociedade em duas classes, as dos proprietários e a dos trabalhadores desprovidos dos meios de produção, afirma Marx que o trabalhador se reduz a condição de mercadoria, pois, ao ter o objeto do trabalho, os meios e os processos de produção apropriados por outra classe, perde a dimensão genuinamente ontológica do trabalho, atividade que o diferencia dos outros animais, recebendo assim o mesmo status de animal e de coisa.

Partindo da análise ontológica do ser social, mormente em Marx o que nos diferencia dos outros seres vivos é o trabalho. Para suprir suas carências, o homem primitivo realizou trabalho, ou seja, na sua consciência, idealizou algo, buscou os meios para fazê-lo e o converteu em objeto, satisfazendo assim suas carências. Os animais, por sua vez, realizam suas atividades vitais para satisfazer suas carências determinadas biologicamente, ou seja, sua ação na natureza não é consciente.

A exploração engendrada pela burguesia encobre os entraves do antagonismo existente entre trabalho e capital, por sua vez, consolidada pela propriedade privada. Nesse sentido, questionam-se Lessa e Tonet,

Se os homens são os artífices de sua própria história, porque construiriam um mundo tão desumano? Se a história é feita pelos homens por que eles não têm sido capazes de construir uma sociedade autenticamente humana? (LESSA; TONET, 2008 p.91)

Segundo Marx (2010), surge, nesses moldes de reprodução social, o estranhamento como estranhamento de si, pois, o trabalhador não se indentifica com a sua

produção, visto que o objeto, por ele operado, resume-se a uma existência externa. Na medida em que o homem se cosifica, tornando-se mercadoria e mercadoria barata, cria uma medida desproporcional, visto que à proporção que o mundo das coisas se valoriza aumenta a desvalorização no mundo dos homens.

Se o homem se relaciona de forma estranhada com o seu objeto, o que antes era exteriorização de si passou a ser estranhamento de si pelo processo de desumanização, na medida em que a efetivação do trabalho aparece como desefetivação do trabalhador. Ao produzir o objeto, o homem dispensa tempo, energia, ou seja, ele se dá no objeto. Ao ser apartado do objeto, o indivíduo será dominado pela coisa que ele mesmo produziu, assim, o objeto é maior que o indivíduo, passando a fazer da sua atividade vital consciente apenas um meio de sobrevivência.

Segundo Marx (2010), o estranhamento se desdobra em quatro dimensões: a do objeto, do processo de produção, do gênero e do outro. Na relação homem-objeto, o trabalhador se reduz à mercadoria, à proporção que o mundo das coisas se valoriza. Os dois: homem e objeto ganham o mesmo *status* ontológico. O objeto se torna estranho por que ele é independente do seu produtor; o produto do trabalho se fixou no objeto e, no trabalho, sua objetivação fez-se coisal, é que, na produção, o homem, ao criar um objeto, se relaciona com o mesmo num ato de objetivação o que na economia nacional vai desefetivar o homem, e, por sua vez, a objetivação aparece como ato de perda do objeto. No processo de produção, o homem não se vê no objeto, visto que esse processo acontece de forma fragmentada, já que o trabalhador não detém todo o processo dessa produção.

Se o homem não pode mais reconhecer o que é verdadeiramente humano, devido à separação da dimensão ontológica de sua produção que o difere substancialmente dos demais animais, ele, então, está estranhado da essência humana, não a difere, portanto, do restante da natureza. O estranhamento do outro homem é, então, consequência dessa situação, pois, ao desconhecer a essência humana, o homem não reconhece no outro aquilo que o caracteriza como homem. O outro deixa de ser sua maior riqueza e passa a ser seu maior obstáculo, visto que a humanidade tem que competir por seus meios de sobrevivência como mercadoria.

Se não há mais o reconhecimento do que é humano, a sociedade capitalista vê-se órfã das relações interpessoais, ou seja, há que se buscar meios para sanar os problemas

relacionais que surgiram a partir do estranhamento. *Tudo em nome dos lucros*, essa máxima permitiu, ao longo da história, graves problemas relacionais.

A globalização introduz o discurso de igualdade nas suas mais variadas políticas, o que de fato não existiu e nem existirá nesse sistema dividido em classes. Assim, Mészáros (2012) afirma: “[...] é impossível existir universalidade no mundo social sem igualdade substantiva”. A proximidade proporcionada pelo avanço tecnológico é uma falácia, já que, economicamente, a distância entre os países do globo é aprofundada.

2 A COMPETÊNCIA RELACIONAL COMO NOVA EXIGÊNCIA DO MUNDO DO TRABALHO

O discurso da competência relacional, embora ascendente na atualidade, tem seu mote em contexto anterior. Aponta-se, como principal fator desencadeador de mudança, o esgotamento do modelo de produção taylorista/fordista, entre 1960 e 1970. Segundo Ramos (2006),

O binômio taylorismo/fordismo exigia um trabalhador parcelar, fragmentado, que detinha conhecimento somente na sua área de atuação. Como desempenhava apenas uma função específica dentro do processo de produção, esse trabalhador não necessitava, por isso, de conhecimentos específicos de todo o processo, bastando, apenas, ser treinado para aquela determinada função e, assim, sendo facilmente substituído. Por esse motivo, o termo qualificação era adequado ao perfil do trabalhador exigido por esse modelo, pois esse conceito de qualificação tinha como base a construção de conhecimentos profissionais e era definida pelo saber e pelo saber-fazer adquiridos no trabalho (RAMOS, 2006, p. 172).

O saber pragmático não era mais suficiente e adequado às novas demandas. Era necessário um conhecimento mais complexo que os trabalhadores não possuíam. A consequência foi o aumento do desemprego e do subemprego. Com isso, a incompatibilidade do trabalhador com as novas exigências no mundo do trabalho intensificou a crise do capital. É quando surge o toyotismo como alternativa para manter o capitalismo como sistema social vigente. De acordo com Martins (2012),

A competência relacional está diretamente ligada à forma como as pessoas estabelecem suas mais diversas relações. O relacionamento entre as pessoas no trabalho é hoje um dos maiores motivos de conflito. A formação profissional e acadêmica não prepara o profissional para desenvolver a competência relacional. É preciso, portanto aprender a lidar com as pessoas no meio social (MARTINS, 2012, p. 33).

Segundo Daher (2012, p. 98), existem quatro tipos de comportamento: o passivo, o agressivo, o assertivo e o agressivo-passivo. “Ao ser assertivo, o profissional afirma seus

direitos, sem negar os direitos dos outros. A assertividade está posicionada entre a postura agressiva e a submissa. Representa o bom-senso, para não visitar nenhum dos extremos” (DAHER, 2012, p. 96).

Com esse modelo, vem à exigência de um novo tipo de trabalhador: polivalente, multifacetado, inteligente emocionalmente, competente. De acordo com Jimenez (2003), esse novo modelo pretendia formar

[...] o novo trabalhador que deve, principalmente, saber-ser polivalente no trato de novos instrumentos de trabalho, ágil e flexível no raciocínio e na tomada de decisões, além de mostrar-se também harmonioso, cooperativo e emocionalmente equilibrado. (JIMENEZ, 2003, p. 4).

Fica, então, a proposta do novo trabalhador para essa fase: o trabalhador dotado de competências sem as quais ele não serve ao mercado de trabalho. Assim, o discurso das competências ganhou força e autores os mais variados têm recebido notoriedade.

Segundo Perrenoud (1999, p.12), competência é “uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles.” Dentre as competências exigidas pelo mercado, a capacidade de trabalhar em equipe ganha destaque. Perrenoud considera que ter capacidade para desenvolver um bom trabalho em grupo é uma das competências mais importantes, ou seja, saber relacionar-se faz toda a diferença.

Ainda segundo o autor, ter um bom relacionamento e possuir a capacidade de trabalhar em grupo são características essenciais para o desenvolvimento de um bom trabalho. A competência relacional figura entre as mais importantes porque uma das principais exigências do trabalho em grupo é evitar os conflitos. Sendo assim, é necessário “aprender” a lidar com o outro.

Dentre a bibliografia cara aos aautos empresariais, estão os livros que descrevem os tipos de indivíduos e como lidar com eles, o bem-humorado, o calado, o bem informado, o precavido, o brigão, o presunçoso, o que se julga importante. Identificando o perfil de cada um é possível dispensar um tratamento adequado que conduza ao bem-estar e produtividade da empresa. “Aprenda a falar a língua das pessoas e, se necessário, faça-as se renderem aos argumentos que consideram válidos.” (DAHER, 2012, p.65).

Receituários, assim, limitam as possibilidades de compreensão da subjetividade humana, já que, cada um se encaixa numa única categoria. Pensar desta forma reduz o ser humano a um estereótipo pré-determinado. Tal concepção choca-se com o pensamento

marxista, quando este afirma que ao homem é possível transitar por várias áreas sem limitar-se a elas e, ser por isso, múltiplo.

[...] pode se aperfeiçoar no ramo que lhe agrada [...] o que cria para mim a possibilidade de hoje fazer uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar na parte da tarde, cuidar do gado ao anoitecer, fazer crítica após as refeições, a meu bel-prazer, sem nunca me tornar caçador, pescador ou crítico. Assim, teoria e prática corporificam-se num par dialético, promovendo o livre desenvolvimento das potencialidades humanas, certamente ilimitadas (MARX & ENGELS, 1989, p.29).

Os teóricos defensores da competência apoiam-se nas mudanças ocorridas no mundo do trabalho, afirmando que é necessário transformar-se junto à sociedade, ou seja, adaptar-se.

Charles Darwin afirmou, com muita propriedade, que o ingrediente mais importante do sucesso é a capacidade de se adaptar, pelo fato de o sucesso viver em permanente estado de mudança. Nessa “guerra civilizada”, os adversários utilizam elegância e sutileza nos combates. Quem não tiver estômago para isso, deve procurar atividades de serviço social. Se o impala descobre que o leão dorme entre as 10 horas e o meio-dia, é nesse horário que ele sai para caçar. (DAHER, 2012, p. 82)

Apoiando-se no discurso do naturalista Charles Darwin e dos teóricos dessa linha de pensamento, os pensadores do novo milênio sustentam que a humanidade vive numa “guerra civilizada”, uns contra os outros, ou seja, numa competitividade regida pelas capacidades de cada indivíduo. Os vencedores e os derrotados são determinados não pelo conforto de ideias, mas pela contribuição que ele mesmo pode dar a sua formação. Ora, o desemprego não é culpa do trabalhador, pois “quem não tiver estômago” deve ingressar em áreas mais amenas, como o serviço social.

3 O RESGATE DA ESSÊNCIA HUMANA ATRAVÉS DA COMPETÊNCIA RELACIONAL: UMA VIA POSSÍVEL?

A necessidade de resgatar, por meio de cursos profissionalizantes, a habilidade humana de se relacionar com o outro, é, para dizer o mínimo, estranha. Enquanto pertencente a uma mesma espécie, filo, reino, os animais *conhecem* as características de sua espécie e *sabem*, inclusive, relacionar-se com as outras espécies. O veado, por exemplo, nas savanas africanas, *sabe* como identificar as espécies que lhe oferecem riscos e aquelas com as quais ele não precisa *se preocupar*.

Ignorando as personificações, o que se advoga aqui é que o relacionamento entre espécies animais ocorre de maneira natural. Não há, entre eles, portanto, malentendidos de nenhum tipo, as relações presa-predador são determinadas biologicamente. Ora, se os animais, que não deram o salto ontológico, são capazes de manter um nível de relacionamento entre si

por que o homem, que é, biologicamente, animal, também, não sabe relacionar-se com seu igual.

A resposta pode parecer contraditória: com o surgimento das classes sociais, a desigualdade também emergiu socialmente. No comunismo primitivo, ao realizar trabalho, o homem iniciou, como dito anteriormente, o processo de afastamento de sua natureza biológica. Viveram em comunhão, enquanto iguais, mas dividiam os mais variados e profundos carecimentos.

Por meio do trabalho, os homens não apenas constroem materialmente a sociedade, mas também lançam as bases para que se construam como indivíduos. A partir do trabalho, o ser humano se faz diferente da natureza, se faz um autêntico ser social [...] (LESSA; TONET, 2008, p. 17)

Com a exploração do homem pelo homem, dividiu-se uma espécie em duas: os explorados e os exploradores. A partir de então, os homens não seriam mais iguais. Um viveria do trabalho do outro e esse acontecimento foi, para dizer o mínimo, o primeiro passo para a barbárie. As palavras de Mészáros explicitam claramente essa situação. “Se eu tivesse de modificar as palavras dramáticas de Rosa Luxemburgo com relação aos novos perigos que nos esperam, acrescentaria a ‘socialismo ou barbárie’ a frase ‘barbárie se tivermos sorte’”. (MÉSZÁROS, 2012, p. 108).

O capitalismo e sua legitimação política, o liberalismo, ao instituir como regentes da sociedade a busca do lucro a igualdade e a liberdade para alcançá-lo, mais do que legitima a exploração, coloca trabalhador contra trabalhador, pois há espaço para todos se desenvolverem, afinal, os homens são todos livres, iguais e proprietários.

Por esse motivo, reina a competição, o medo, a desconfiança e isso tem sido nocivo ao bem-estar do trabalhador. Nunca as doenças psicológicas estiveram tão em alta, falou-se tanto em estresse, gastrite nervosa, depressão, patologias associadas às tensões vividas pelos trabalhadores hodiernos. “Vimos que, na maior parte das vezes, a resposta conservadora a essa questão afirma que há uma natureza humana, uma essência humana, que não pode ser alterada pela história, a qual faz do homem o ‘lobo do homem.’” (LESSA; TONET, 2008, p. 91). A elite, no entanto, só sofre desses males quando perde no seu lucro, nas palavras de Marx (2010, p.), no seu Mamom, o trabalhador sofre na sua existência.

Para justificar o egoísmo e a desumanidade das relações sociais capitalistas, os conservadores afirmam que essa é a única sociedade possível, pois é a expressão de

uma natureza humana que não poderia ser alterada pela história. A “artimanha” da argumentação conservadora se resume em pretender que o individualismo, característico da sociedade burguesa, seja algo extensivo a todos os homens e a todas as épocas históricas. (LESSA; TONET, 2008, p. 92)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano, na qualidade de *ser social*, livre e emancipado não pode se constituir sozinho. Marx declara no *Manifesto* que “a liberdade de cada um é a condição da liberdade de todos” (MARX, 1999, p. 27), ou seja, não adianta partes isoladas da sociedade conquistarem êxito se a totalidade não for contemplada. A criticidade da situação se revela através dos novos discursos que vêm surgindo, como o da competência relacional, discutido neste artigo.

Está claro, no discurso atual, que o homem não sabe mais se relacionar com os outros, o que se evidencia ante a catastrófica banalização da vida. A solução apontada para essa deficiência é reforçar a competência relacional, de preferência fazendo cursos e repensando a formação profissional.

Antes, porém, de culpar o próprio ser humano pelo estado da arte em que se encontra, deve-se observar a condição sistêmica a que está imerso. O processo de *reificação* não se deu por livre escolha, mas é fruto de outros processos, como: industrialização, mercantilização, globalização, competitividade e o individualismo, provenientes da sociedade capitalista.

Trabalhar simplesmente a competência relacional em nada adianta, sobretudo, porque este discurso está sob o julgo do capital. O ser social se relaciona histórica e socialmente não só com a natureza, mas também com outros seres sociais, isso implica a necessidade de reconstrução da dinâmica ontológica, o que significa impedir que o ser social continue assumindo características inferiores as que lhe são inerentes.

REFERÊNCIAS

- DAHER JÚNIOR, Elias. *DiGestão de competências: uma dieta saudável para sua carreira*. São Paulo: Vetor, 2012.
- LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. *Introdução à Filosofia de Marx*. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008. 128p.

LUKÁCS, Georg. *As bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem*. In: NOGUEIRA, M. A.; BRANDÃO, G. M.; CHASIN, J.; SODRÉ, N. W. (orgs.). *Temas de Ciências Humanas*. Vol. 4. Ed. Ciências Humanas, São Paulo, 1978.

MARTINS, D. A. C. *O coordenador pedagógico escolar e a competência relacional*. 2012. 60f. (Monografia de Especialização) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich, *A ideologia alemã*. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1989.

MÉSZÁROS, István. *O século XXI: socialismo ou barbárie?* São Paulo, SP: Boitempo, 2012. 115p.